Organização do trabalho no jornalismo: centralidade e subjetividade em tempos de flexibilidade[1]

Cristiane Oliveira Reimberg[2]
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Neste artigo, refletimos sobre o trabalho do jornalista e buscamos delinear alguns aspectos da organização do trabalho no jornalismo. Para tanto, primeiramente, abordamos o conceito trabalho e sua organização de forma geral, para depois, observar como se dá essa organização no jornalismo. Buscamos demonstrar a centralidade do trabalho e discutir como a subjetividade do trabalhador é apropriada para gerar mais produção. Em relação à organização do trabalho, são utilizadas referências como Antunes (2007, 2009), Figaro (2001, 2008, 2010) e Heloani (2003a). Já sobre o trabalho do jornalista, Figaro (2009-2012, 2005-2008), Heloani (2003b), Ribeiro (2001) e Travancas (1993).

Palavras-chave

Centralidade do trabalho; Organização do trabalho; Jornalismo; Jornalista.

A centralidade do trabalho

Ao abordar o trabalho, deve-se considerar toda sua complexidade e se reconhecer sua centralidade. O sujeito se constrói por meio do trabalho e não pode ser separado do objeto, ou seja, não pode ser tratado a despeito das condições objetivas (materiais) do desenvolvimento social, nem é possível pensá-lo sem considerar os aspectos históricos de sua época. O ser humano se constrói no trabalho ao mesmo tempo em que utiliza a sua subjetividade e o seu corpo para realizar a atividade.

Quando afirmamos que sujeito e objeto não podem ser separados, estamos recorrendo à relação sujeito/objeto da filosofia de que trata "A Ideologia Alemã", de Marx e Engels. Eles desenvolvem o materialismo histórico dialético. Sader (2007) explica que o homem é apontado como um ser histórico, e o trabalho colocado no centro das condições de

[1] Trabalho apresentado no GP Teoria do Jornalismo do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutoranda em Ciências da Comunicação, sob a orientação da Profª Dra. Alice Mitika Koshiyama, na ECA/USP. Membro do Grupo de Pesquisa da ECA "Jornalismo e a Construção da Cidadania". Trabalha na Comunicação da Fundacentro, instituição de pesquisa sobre segurança e saúde do trabalhador do Ministério do Trabalho e Emprego. E-mail: crisreim@yahoo.com.br

vida e consciência humana. Quando esse trabalho é alienado, a pessoa não se reconhece no que produz, no mundo que transforma.

"Se o trabalho é processo de autocriação, quando, no entanto, ele passa a ser regido por uma lógica que independe do sujeito que o realiza, este trabalho passa, no entender de Marx, a ser um meio de alienação do sujeito", complementa Figaro (2008, p.46). Assim "o trabalho alienado subtrai o sujeito de si mesmo". É furtada a vida genérica da pessoa, a "sua objetividade real como ser genérico" (Marx *apud* Figaro).

A consciência emerge, para Marx e Engels (2007, p.32-34), do embate com o real, da ação transformadora. A base é a práxis. Os autores afirmam que a produção da vida no trabalho aparece como uma relação dupla – social e natural. A conexão entre os homens depende das necessidades e dos modos de produção. Marx (1985) também mostra claramente a centralidade do trabalho:

> Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, vida humana. (MARX,1985, p. 50)

Marx e Engels colocam a primazia das relações de trabalho para entender a realidade. Essa primazia se mantém, pois como afirma Figaro (2008, p. 28), "a globalização e a revolução tecnológica, entre outras transformações, estão intrinsecamente ligadas à centralidade da categoria trabalho". Antunes (2009, 141) complementa que o trabalho "é a forma fundamental, mais simples e elementar daqueles complexos cuja interação dinâmica constitui-se na especificidade do ser social".

Outro aspecto importante é a questão da subjetividade no trabalho, que aparece em Schaff (1967) ao discutir a concepção de indivíduo no marxismo. O ponto de partida de Marx é o indivíduo e seus problemas, o homem vivo e real, que mesmo inserido na sociedade, "continua, até certo ponto, autônomo" (p.54). O homem é um ser social, que parte sempre de si, dentro das condições sociais. Assim caracteriza como estereótipo dizer que no marxismo não há lugar para o indivíduo.

Ao olhar para o indivíduo humano, Marx alia natural e social, especialmente, as propriedades históricas. Marx também vê a origem do homem no trabalho, na práxis humana, em que o ser humano transforma a realidade objetiva e assim transforma a si próprio (*Ibid*, p.75). O indivíduo é também fruto dessa autocriação. Mas a alienação deforma e limita a evolução dos indivíduos (p.95).

Essa autocriação pode ser relacionada com a ergologia, que aponta, segundo Schwartz (2006), a tendência de sempre se renormatizar o meio de vida e de trabalho. O trabalho, como atividade industriosa, envolve o debate de normas, o que amplia a diferença entre trabalho prescrito e real. Ainda traz a ideia de uso de si por si e uso de si pelos outros, mostrando que mesmo em uma situação de constrangimento, há transgressão. As normas são renormatizadas pelo sujeito, que na ergologia é chamado de corpo-si. Isso porque esse sujeito que tem a subjetividade solicitada, mas também o corpo, é um ser social, histórico e biológico.

Percebe-se, dessa forma, que o trabalho é central para a constituição do sujeito, que é ativo. No modelo de organização do trabalho atual, como veremos adiante, flexível e polivalente, a subjetividade do trabalhador é subtraída para mais produção com o aval de um discurso que prega criatividade e autonomia, mas na prática tenta-se controlar o sujeito. Desconsidera-se o trabalho real necessário para a realização da tarefa e da atividade e as renormatizações, limitando-se a vangloriar o que é prescrito. Mas, apesar de todos esses fatores, o sujeito está lá, gerindo o seu uso de si por si e pelos outros, renormatizando, fazendo a atividade de trabalho acontecer, ainda que o trabalho lhe seja alienado. É preciso reconhecer esse sujeito.

Organização do trabalho

A organização do trabalho no jornalismo traz em si características de outras áreas. Isso porque a forma como o trabalho está organizado tem a ver com as condições históricas e econômicas da época em que se vive. Atualmente vemos técnicas nascidas no taylorismo/fordismo conviverem ao lado de novas formas de organização, como as trazidas pelo toyotismo. Isso também acontece na indústria da comunicação. Segundo Heloani (2003a, p.23), “as relações entre capital e trabalho muitas vezes se desenvolvem em movimentos circulares, e velhas ideias adquirem nova roupagem...”.

O autor coloca, por exemplo, como marcas da administração taylorista, “tudo o que esteja ligado à maximização de recursos no tempo”: robôs em linhas de montagens, fast food, lazer planejado e sistematizado (excursões), currículos de escolas, cursinhos pré-vestibulares. São buscas por um melhor aproveitamento do tempo, pela recompensa e prosperidade.

Figaro (2010, p.101) explica que no modelo taylorista-fordista, o homem é "um corpo forte e resistente que deve ser usado no máximo de sua capacidade produtiva". Já no toyotismo, "a organização do processo produtivo a partir da demanda" foi possível devido à "intensificação dos usos da comunicação na organização de trabalho".

> Nesse novo paradigma, a apropriação do saber-fazer, da criatividade, da participação do sujeito, na forma de polivalência e de flexibilização das funções no trabalho, requer estratégias comunicativas simuladoras da horizontalidade das relações entre as equipes de trabalho e os diferentes níveis hierárquicos. (FIGARO, 2010, p.102)

Tanto essas estratégias mais recentes quanto as passadas buscam intensificar a produtividade. A Organização Científica do Trabalho, construída por Frederick Taylor, por exemplo, respondeu "à necessidade de uma redefinição do trabalho, para que pudesse atender à velocidade e ao novo ritmo de produção das fábricas, onde se introduziram novos instrumentos de trabalho". Os tempos e movimentos dos operários eram registrados e analisados. O trabalhador não participava da formulação dos processos e recebia salário melhor se otimizasse seu desempenho. Havia no taylorismo uma concepção positivista, que via o progresso mediante a ordem e não aceitava conflitos. Valorizava-se a hierarquia, a disciplina e o controle. (Heloani, 2003a, p.25-26)

Heloani (2003a, p. 31-33) ainda destaca a apropriação do saber operário e a divisão entre o trabalho manual e intelectual, pois, para Taylor, o trabalhador não tinha tempo para descobrir as melhores formas de trabalhar, já que o tempo era absorvido pelo trabalho manual, e, se descobrisse, guardaria as descobertas para si. Defendiam-se recompensas financeiras para os trabalhadores mais eficientes e que cada trabalhador fizesse apenas uma tarefa, o que foi aperfeiçoado por Ford com a linha de montagem. "O trabalhador deve se submeter ao sistema cientificamente planejado, que modela a subjetividade do trabalhador, reconstruindo sua percepção a partir dos interesses do capital".

Paralelamente a consolidação do taylorismo, que se dá na década de 20, Henry Ford desenvolve o processo de linha de montagem. O fordismo repassava ganhos de produtividade aos salários dos trabalhadores por convenções coletivas. A ideia era transformá-los em consumidores do produto que produziam. Assim se construiu um modelo de carro que se ajustasse ao maior número possível de compradores. Há o barateamento do custo da produção com linha de montagem. Para se ter uma ideia das proporções, de 1914 a 1923, a produção passou de duzentos mil para 2 milhões de veículos na Ford. (HELOANI, 2003a, p.50-51)

> ...entendemos o fordismo *fundamentalmente* como a forma pela qual a indústria e o processo de trabalho consolidaram-se ao longo deste século, cujos elementos constitutivos básicos eram dados pela produção em massa, através da linha de montagem e de produtos mais homogêneos; através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro taylorista e da produção em série fordista; pela existência do trabalho parcelar e pela fragmentação das funções; pela separação entre *elaboração* e *execução* no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do *operário-massa*, do trabalhador coletivo-fabril, entre outras dimensões. Menos do que um modelo de organização societal, que abrangeria igualmente esferas ampliadas da sociedade, compreendemos o fordismo como o processo de trabalho que, junto com o taylorismo, predominou na grande indústria capitalista ao longo deste século. (ANTUNES, 2007, p.25)

Fígaro (2001, 173-175) completa que o taylorismo se caracterizava "pelo estudo pormenorizado das tarefas e da movimentação dos trabalhadores na produção". Já o fordismo, pela "cadência, o ritmo de trabalho e a linha de montagem". Buscavam obter o controle sobre o trabalho e começam a se esgotar no final dos anos 60. O toyotismo, surgido no Japão, com Círculos de Controle de Qualidade e técnicas como o *Just in time*, celularização da produção e *kanban* passam a ganhar espaço.

Antunes (2007, p. 24) explica como a organização do trabalho foi se modificando: "o *cronômetro* e a *produção em série e de massa* são 'substituídos' pela flexibilização da produção, pela 'especialização flexível', por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado". A chamada gestão participativa e a busca pela qualidade total do modelo japonês, toyotismo, ganham o mundo.

> O *toyotismo* penetra, mescla-se ou mesmo substitui o padrão fordista dominante, em várias partes do capitalismo globalizado. Vivem-se formas transitórias de produção, cujos desdobramentos são também agudos, no que diz respeito aos direitos do trabalho. Estes são desregulamentados, são flexibilizados, de modo a dotar o capital de instrumental necessário para adequar-se à sua nova fase. Direitos e conquistas históricas dos trabalhadores são substituídos e eliminados do mundo da produção. Diminui-se ou mescla-se, dependendo da intensidade, o despotismo taylorista, pela participação dentro da ordem e do universo da empresa, pelo envolvimento manipulatório, próprio da sociabilidade moldada contemporaneamente pelo sistema produtor de mercadorias. (ANTUNES, 2007, p.24)

O toyotismo, que surge no Japão nos anos 50, segundo o autor (*Ibid*, p. 31), tem causado grande impacto não só pela revolução técnica que causou na indústria japonesa, como pela expansão em escala mundial de seus pontos básicos. Um dos ideais é produzir o necessário no menor tempo possível. A produção é voltada para a demanda, além de ser diversificada para suprir o consumo, que determina o que será produzido.

> Desse modo, a produção sustenta-se na existência do *estoque mínimo*. O melhor aproveitamento possível do tempo de produção (incluindo-se também o transporte, o controle de qualidade e o estoque) é garantido pelo *just in time*. O *kanban*, placas que são utilizadas para a reposição das peças, é fundamental à medida que se inverte o processo: é do final, após a venda, que se inicia a reposição de estoques, e o *kanban* é a senha utilizada que alude à necessidade de reposição das peças /produtos. (ANTUNES, 2007, p. 34).

Para atender às demandas do mercado, mais individualizadas, em menor tempo e com mais qualidade, há necessidade de flexibilizar a produção de modo que um mesmo operário opere várias máquinas. Nasce, assim, o trabalhador polivalente, tão requisitado nos dias atuais. A organização do trabalho também precisa ser flexibilizada. "Deve haver agilidade na adaptação do maquinário e dos instrumentos para que novos produtos sejam elaborados". Outra marca do sistema é a horizontalização, onde se estende às empresas terceirizadas "a produção de elementos básicos que no fordismo são atributo das montadoras". Os métodos e procedimentos acabam se espalhando para fornecedores: "*kanban*, *just in time*, flexibilização, terceirização, subcontratação, CCQ, controle de qualidade total, eliminação do desperdício, 'gerência participativa', sindicalismo de empresa, entre tantos outros elementos, propagam-se intensamente". (*Ibid*, p. 34-35)

Figaro (2008, p.25-26) destaca que a base central do modelo toyotista é o "tripé *filosófico-ideológico-comunicacional* kaizen-kanban-just-in-time". Com ele, eliminam-se hierarquias e postos de trabalho. Também se desenvolve a autodisciplina e se incorpora o saber do trabalhador, visando o aumento dos lucros. O cenário de novas tecnologias possibilitou "o fluxo e a disseminação de conhecimentos".

> O primordial do chamado modelo japonês, o kaizen, ou seja, mudar para melhor, é o centro discursivo ideológico das reformas implantadas na gestão de pessoas e, portanto, na organização da produção. Enaltecer a capacidade do trabalhador para que ele disponibilize o conhecimento sobre o trabalho que realiza em função das metas da empresa é a estratégia que orienta os discursos da gestão de pessoas, a organização dos fluxos de mercadorias e matérias primas, bem como todas as operações de comunicação relativas à corporação. (Figaro, 2008, p.26)

Antunes (2007, p.42) explica que "a sujeição do ser que trabalha ao 'espírito' Toyota, à 'família' Toyota, é de muito maior intensidade", dessa forma, a lógica "do toyotismo, é mais consensual, mais *envolvente*, mais *participativa*, em verdade mais *manipulatória*". O capital apropria-se do *saber* e do *fazer* do trabalho por meio de um "envolvimento cooptado".

Heloani (2003a) completa que nesse período pós-fordista, mesmo com um discurso adotado pelas empresas de autonomia e participação dos trabalhadores, o que se pretende é

manipular a subjetividade do trabalhador em favor do capital. Considera, assim uma utopia acreditar que o modelo pós-fordista é "libertário e emancipatório do ser humano", pois tem fundamentos muito parecidos com o taylorismo. Apesar de mais sutis, são mais perigosos porque "de certa maneira o trabalhador *compartilha a própria dominação*."

> Minha teoria, então, é a de que o pós-fordismo veio não só como uma resposta do capital à "crise do sistema de regulação", mas também como forma de buscar outros meios de dominação da classe trabalhadora. O progresso tecnológico pode então ser visto como um movimento contraditório e conflituoso inserido num processo histórico de luta de classes. Nesse contexto, a chamada "gestão participativa" foi de fato uma resposta interessada do capital - que, num momento de dura crise na produtividade do trabalho no Ocidente, voltou-se para uma nova forma de "envolvimento" do trabalhador no processo de produção. Acredito que o reordenamento da subjetividade no interior do processo laboral serve não só para otimizá-lo dentro do quadro de globalização do capital, mas também para garantir, em outras bases, seu domínio sobre a força de trabalho.
> Nesse novo modelo de desenvolvimento de produção, a expropriação da capacidade intelectual do trabalhador é tão importante quanto foi o domínio sobre sua capacidade física no modelo taylorista-fordista-fayolista. (HELOANI, 2003a, p.175)

A questão do controle da subjetividade do trabalhador também aparece na análise de Figaro (2008, p. 28). A autora avalia que as "profundas mudanças" do mundo do trabalho não buscam superar a exploração e sim aumentam essa condição, pois procuram "controlar e domesticar a subjetividade do trabalhador". É preciso aderir intelectualmente em prol da inovação e da concorrência. Os postos de trabalho, as funções e os perfis profissionais são reorganizados, exigindo-se "maior polivalência, multi-especialização, atualização e disponibilidade" dos trabalhadores.

Nesse processo, entre as metamorfoses do mundo do trabalho, está a "*subproletarização* intensificada" – trabalho parcial, precário, temporário, terceirizado (ANTUNES, 2007, p. 49-63). O estranhamento do trabalho ainda é preservado, "a subjetividade que emerge na fábrica ou nas esferas produtivas contemporâneas é a expressão de uma *existência inautêntica* e estranhada" (ANTUNES, 2009, p.130). É preciso buscar a emancipação:

> No processo mais profundo de emancipação do *gênero humano*, há uma ação conjunta e imprescindível entre *os homens e as mulheres que trabalham*. Essa ação tem no capital e em seu sistema de metabolismo social a fonte de *subordinação e estranhamento*. Uma vida cheia de sentido, capaz de possibilitar o afloramento de uma subjetividade autêntica, é uma luta contra esse sistema de metabolismo social, é ação *de classe do trabalho contra o capital*. A mesma condição que molda as distintas formas de *estranhamento*, para uma vida *desprovida* de sentido no trabalho, oferece as condições para o afloramento de uma *subjetividade autêntica* e capaz de construir uma vida *dotada de sentido*. (ANTUNES, 2009, p. 110)

O trabalho do jornalista

A partir dessas considerações sobre organização do trabalho, passaremos a observar de que forma essas características aparecem na indústria que gera os produtos jornalísticos. É possível a emancipação? O que se vê é um cenário semelhante ao de outras indústrias: flexibilização do trabalho, aumento do ritmo e da produtividade, exigência de polivalência, adesão intelectual do trabalhador jornalista. Tudo isso convivendo com heranças do taylorismo/fordismo como veremos em alguns estudos consultados.

Primeiramente é importante considerar que "os meios de comunicação são meios de produção". A afirmação de Raymond Williams (2011, p.69) se baseia no fato de que "a comunicação e os seus meios materiais são intrínsecos a todas as formas distintamente humanas de trabalho e de organização social". Dessa forma, constituem-se "em elementos indispensáveis tanto para as forças produtivas quanto para as relações sociais de produção".

> Na esfera econômica a comunicação corresponde a duas figuras. Uma tradicional: a do veículo de informação para o mercado, isto é, o processo de circulação do capital que precisa de informação permanente a cerca de todos os fenômenos da vida social que possam incidir sobre seus fluxos e ritmos. E outra pós-industrial: a informação como matéria-prima da produção não só das mercadorias mas da vida social. (Martín-Barbero, 2004, p.226)

Outra questão importante a ser considerada é que os "meios de comunicação, tanto como produtos quanto como meios de produção, estão diretamente subordinados ao desenvolvimento histórico", pois "possuem relações históricas variáveis com o complexo geral das forças produtivas e com as relações sociais gerais". (Williams, 2011, p.69)

Olhando para o jornalismo, percebemos frequentes comparações com resquícios de um tipo de organização taylorista/fordista. Marcondes Filho (2000, p.81-82), ao abordar a TV, relata a busca pela rapidez e a superficialidade das notícias. Caracteriza os jornalistas como "funcionários de uma linha de montagem acelerada em que rapidamente selecionam, por padrões viciados e em geral imutáveis" com os mesmos enfoques e caracterizações. O jornalismo se torna assim "uma máquina de produzir sempre o mesmo, qualquer que seja o conteúdo diferente do dia-a-dia". Selecionam-se os mais rápidos e não os mais capazes.

> Apesar do *"glamour"*, do fetiche pelo jornalismo, como já vimos, alguns buscam outras saídas pois, ao contrário de outros colegas, não suportam mais adiar a felicidade e temem não mais agüentarem o ritmo de trabalho por muito tempo, ou melhor, até a aposentadoria. Isto fica evidente pelas seguintes falas: "*hoje a redação é uma padaria, é uma linha de montagem...*" (HELOANI, 2003b, p.80)

Ribeiro (2001, p.66) também utiliza o termo linha de montagem para caracterizar o trabalho dos jornalistas. "A nova racionalidade - que se pretendia secular e regida por critérios de desempenho, produtividade e rentabilidade - caracterizou decisivamente a empresa de notícias como indústria e como comércio..." (p.54).

Um dos exemplos que coloca é o Projeto Folha, citando o documento "A Folha Depois da Campanha Diretas-Já", de junho de 1984, que falava da necessidade de substituição de profissionais, pois não haveria "tempo nem condições materiais para adestrá-los" (*Ibid*, p.66). Como jornalista, afirma ter vivenciado "uma tarefa mental submetida a normas industriais, um ritmo de trabalho frequentemente embrutecedor e relações tensas" (p.14).

Não é só tempo que falta aos jornalistas para realizarem suas matérias de forma que possam ouvir todos os lados, checar a veracidade dos fatos, compreender a realidade que buscam retratar. A comparação com a linha de montagem também remete a falta de autonomia, algo fundamental para o exercício de um trabalho reflexivo.

Na análise de Ribeiro (2001, p.156-157), o taylorismo está presente nas redações com a "cobertura científica dos fatos", "a imposição do *deadline*, de planos de metas, produção computadorizada, controles de erros, avaliações mensais dos jornalistas, planilhas do volume de produção". Acrescentamos a isso os manuais de redação, que tentam uniformizar não apenas a linguagem, mas a atividade de trabalho, trazendo regras e as "melhores" formas de fazer. É o trabalho prescrito e a desvalorização do trabalho real.

Na Folha, havia uma Secretaria de Produção que implantou uma planilha "para o acompanhamento da evolução de cada reportagem ao longo do dia". Era função dessa secretaria "normatizar o trabalho jornalístico" e discipliná-los. Contabilizavam-se "o número de erros por edição e por redator, gerando um relatório diário, apelidado de pelourinho ou superego". Os jornalistas eram avaliados individualmente e recebiam notas numa reunião mensal dos editores. Também se estabeleciam um Plano de Metas Trimestrais. (*Ibid*, p.69)

> A Filosofia quantitativa da FSP atingiu um ponto alto em 1984, com a implantação de fichas, nas quais os jornalistas recebiam avaliações A, B ou C, em fevereiro de 1987, essas notas ganharam gradações: A1, A2, B1, B2 e C. A reunião em que era feita a avaliação foi-me descrita por um editor como 'sessão de tortura'. Verifiquei, em minha experiência, que essas fichas não serviam de base para demissões ou promoções – sua finalidade alegada – e seu conteúdo rarissimamente era informado aos interessados, o que leva à conclusão que tinham a função ritual de instrumento de pressão. (RIBEIRO, 2001, p.120)

A tensão, segundo o Ribeiro (2001), é estimulada no jornalismo para "extrair mais produtividade" e é comum a queixa de problemas nervosos. Outros problemas de saúde foram percebidos em outras pesquisas:

> A experiência clínica nos leva a supor que o stress nesta área advém sobretudo do trabalho que faz do jornalismo uma profissão de risco e também de morte precoce.
> Pesquisas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), junto a sindicatos de jornalistas, demonstram uma tendência nada promissora para essa profissão: devido às doenças insidiosas e, portanto, de difícil diagnóstico precoce, parte significativa desses profissionais não alcança sequer a aposentadoria... Ademais, a partir da implantação de novas tecnologias nas redações nacionais, os usuários – jornalistas em sua maioria – se vêem cada vez mais diante dos "Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho" (DORT). (HELOANI, 2003b, p.20)

Outra questão importante é que o processo de trabalho de jornais e meios de comunicação de massa tem se transformado. Segundo Castells (2009), há redes globais de empresas multimedia que possuem alianças estratégicas, não sendo totalmente global nem excepcionalmente locais. Ao mesmo tempo, a propriedade dos meios está cada vez mais concentrada.

> La digitalización de la comunicación há impulsado la difusión de un sistema de médios de comunicación tecnológicamente integrado en el que productos e procesos se desarrollan em distintas plataformas de contenido y expresiones mediáticas dentro de la misma red de comunicación global-local. (Castells, 2009, p. 110)

Scolari (2008, p.200-201), por sua vez, avalia que novos modelos de comunicação participativa trazidos pela Internet trazem transformações para a produção de conteúdos: "tanto los blogs como los wikis desafían al modelo tradicional de la producción de contenidos de comunicación en los mismos términos en que el sistema de código abierto cuestiona la producción centralizada de software". As novas tecnologia não substituem as anteriores e sim transformam o sistema ao interatuar entre si e dar lugar a novas configurações.

O autor também acredita que houve um remodelamento da força de trabalho da área de comunicação com a mudança de rotinas produtivas. Do jornalista ao técnico de som, houve profunda transformação das rotinas de trabalho. Os limites que separavam os campos de trabalho se diluem. Há uma convergência profissional. Vive-se uma transição da lógica produtiva. (SCOLARI, 2008, p.202-204)

Essas novas lógicas produtivas requerem "uma força de trabalho flexível, capaz de reinventar-se constantemente para seguir o ritmo do desenvolvimento tecnológico". Os

contratos de trabalho são flexibilizados. As práticas realçam a competição, e as velhas leis capitalistas seguem vigentes. (*Ibid*, p.208-210)

Figaro (2010, p.100) aponta que o potencial da Internet está conformado pelas condições objetivas da sociedade, o que reiteramos. "História e processo produtivo engendram a lógica do papel das tecnologias na sociedade". Do lado das organizações, há uma busca pelas "novidades sem romper com os fundamentos que as estruturam" em um sistema econômico centralizador.

A flexibilização das relações de trabalho e produção caracteriza o pós-fordismo e permeia todas as áreas produtivas, inclusive a indústria da comunicação. Scolari (2008, p. 245) avalia que, na economia pós-fordista em que vivemos, os meios não podem apostar em audiências massivas. Devem-se reconfigurar para abarcar o usuário. Outra marca é a exigência de um jornalista "multiplataforma polivalente":

> En los médios de comunicación la digitalización está modificando el entorno laboral y los actores que ahí se desempeñan. Así encontramos figuras que tienden a desaparecer (como el teletipista o el corrector), nuevos perfiles (como el gestor de contenidos o *media manager*) y profesiones que están siendo profundamente modificadas (como la del periodista). El redactor debe, entre otras cosas, dominar la producción informativa para um médio caracterizado por las formas hipertextuales, la multimedialidad y la gestión de espacios colaborativos (Diaz Noci y Salaverría, 2003; Cebrián Herrero y Flores Vivar, 2007). Por otro lado, cada vez es más difícil encontrar um periodista que trabaje para um único medio. La palabra clave en este caso es polivalencia. Ya sea que se trate de grandes grupos multimedia o de pequeñas unidades productivas – por ejemplo una radio local con su web y semanario -, al periodista se le exige cada vez más el dominio de diferentes medios y lenguages, a la vez que asume funciones que antes desempeñaban otros profesionales (Scolari *et al*, 2006a, 2006b, 2007). (SCOLARI, 2008, p. 206-207)

Estudos realizados por Figaro (2010, p.104-106) mostram que o mundo dos comunicadores é "um território em constante transitoriedade". Ela também destaca a exigência do profissional de comunicação ser polivalente e "capaz de transitar por diferentes áreas e competências (das técnicas, das linguagens e das artes)". As empresas exigem habilidades "para produzir enunciados de acordo com os requisitos de diferentes plataformas e dos objetivos de consumo".

Outra característica atual é a opção por profissionais de comunicação cada vez mais jovens, que não vivenciaram os processos de trabalho que envolviam tecnologias analógicas. Noções de marketing e comunicação estão entre as exigências para os comunicadores. Há uma tendência em se trabalhar com pequenas equipes multiprofissionais.

No estudo "O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo", realizado entre 2009 e 2012, coordenado por Figaro, na fase quantitativa, 340 jornalistas ligados ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo responderam a um questionário fechado. No relatório, disponível na internet[3], revela-se que a vida dos entrevistados se dá no espaço de trabalho. A sociabilidade com outros grupos de amizade, além do trabalho, é rara. Nas conclusões gerais da pesquisa, afirma-se:

> Os jornalistas estão conscientes de que a profissão mudou muito nos últimos anos, principalmente a partir da introdução das novas tecnologias. Mudaram também os processos de organização do trabalho, que resultaram, para 38,2%, em aumento do ritmo de trabalho e de produtividade, além da redução da mão de obra. A precarização do trabalho, para eles, é causada pela busca do lucro empresarial, o que faz com que as empresas paguem salários menores e economizem em encargos sociais. Com relação ao futuro, 85,9% acham que a precarização vai aumentar.
> Hoje as equipes de trabalho são pequenas ou os profissionais trabalham sozinhos. No exercício da função, sentem falta de conhecimentos técnicos e atualizados, embora se considerem atualizados no desempenho das atividades.

Sobre a questão de flexibilidade do trabalho, a pesquisa mostrou entre os jornalistas sindicalizados um total de 42,6% com registro em carteira, 20,9% de outra modalidade de vínculo, 19,7% como pessoa jurídica e 10,3% de freelancer fixo.

Em outra pesquisa coordenada por Figaro, "As mudanças no mundo do trabalho nas empresas de comunicação"[4], realizada entre 2005 e 2008, foram entrevistados profissionais de comunicação de uma agência de publicidade e da Editora Abril. Nessa última, 142 questionários foram validados. Também houve uma fase qualitativa com profissionais de outros meios de comunicação.

Na editora, foi constatado que 31,6% dos respondentes têm até dois anos de empresa, enquanto 28,2% estão há mais de 10 anos. Também se percebeu o trabalho em pequenas equipes e dependência de relacionamentos pessoais, apesar da necessidade onipresente de Internet. As respostas mostram aumento das jornadas e do ritmo de trabalho. "A lógica do sistema de trabalho não é a de expansão do número de postos de trabalho, mas sim a de aumento da produtividade, seja pelo número de horas; seja pela aceleração do ritmo, da polivalência e do autocontrole de qualidade."

[3] http://www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp/index.php/pesquisas/2008-2010/
[4] http://www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp/index.php/pesquisas/2005-2007/#2005/2008%20%E2%80%93%20Communication%20and%20work:%20the%20changes%20in%20the%20working%20world%20of%20communication%20companies

Por outro lado, o trabalho é central para a vida desses trabalhadores. As entrevistas com jornalistas realizadas por Travancas (2003, p. 83-85) apontam essa centralidade. "Vários entrevistados salientam que apesar do desgaste e corre-corre do dia-a-dia a carreira é gratificante, não só pela sua responsabilidade social sempre enfatizada, como pelas relações que ela possibilita." Também falam de paixão, vício e adesão: "exige adesão de quem a escolhe. É como o vício, dá prazer a quem a ele se entrega". A comparação com o sacerdócio e a medicina (especialmente os mais velhos) aparece nas falas dos entrevistados. A autora também alimenta essa mistificação e o afastamento de uma visão que olhe para os jornalistas como trabalhadores:

> Essas atitudes são plenamente justificadas se levarmos em conta que não se trata de um simples ofício ou trabalho assalariado, mas uma ocupação de 'outra esfera'. Por isso exige como 'pré-requisito' uma disponibilidade eterna e constante. Este ponto me remete a ideia de missão do jornalista, que estaria ligado a algo divino, a uma função concebida por algo exterior a ele, da ordem do sagrado. (TRAVANCAS, 2003, p. 86)

Considerações Finais

A centralidade do trabalho continua a existir como defendem muitos e, no mundo do trabalho do jornalista, essa é uma questão primordial. Ainda que muitas vezes o jornalista não se veja como um trabalhador, apesar de reconhecer que atua em uma empresa e que nas relações de mercado, a informação faz parte de um produto, ele vivencia uma relação capitalista de produção, na qual vende a sua força de trabalho.

A mística em torno da profissão alimenta um discurso de adesão e dedicação, que serve, na verdade, aos interesses do capital: extrair mais produtividade, maximizar a produção. A isso se acrescenta o discurso atual pós-fordista de flexibilização do trabalho e das relações trabalhistas. A subjetividade do trabalhador jornalista também é subtraída. Por outro lado, ter um sentido para o trabalho é essencial para sua construção como sujeito.

Ao lado do discurso toyotista, convivem as heranças fordistas e tayloristas. Como vimos, elas também ajudaram a organizar o trabalho no jornalismo com planos de metas, controle de produtividade e os manuais de redação. O ritmo de trabalho, que já havia aumentado, cresce mais ainda nos tempos de flexibilidade. O jornalista mais do que nunca precisa ser polivalente e realizar diferentes atividades para várias plataformas de comunicação.

Nesse cenário, não se pode esquecer que por mais que as normas sejam colocadas, o trabalho real não se restringe ao prescrito e no jornalismo isso não é diferente. Como coloca Schwartz, as normas são renormatizadas pelo sujeito, que também é corpo físico. Trabalhar significa a gestão de si e sempre há o inédito da atividade. No trabalho, nos produzimos como ser social.

É preciso que o papel do sujeito jornalista seja reconhecido, não para extrair mais produtividade e subtrair ou controlar a subjetividade, mas sim para construir melhores condições de trabalho. A autonomia no trabalho é extremamente necessária ao jornalismo, especialmente para se reconhecer a informação também como um direito. Por outro lado, o jornalista deve se reconhecer como trabalhador. É preciso, como defende Antunes, construir "condições para o afloramento de uma *subjetividade autêntica* e capaz de construir uma vida *dotada de sentido*".

Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 12. ed. São Paulo: Cortez/Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder.** Madrid: Alianza, 2009. Cap. I, II e III.

FIGARO,Roseli. (coord.) **2005/2008 – As mudanças no mundo do trabalho nas empresas de comunicação.** Disponível em: http://www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp/index.php/pesquisas/2005-2007/#2005/2008%20%E2%80%93%20Communication%20and%20work:%20the%20changes%20in%20the%20working%20world%20of%20communication%20companies

_____. **Comunicação e trabalho**. Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita Garibaldi/Fapesp, 2001.

_____. Comunicação e trabalho para mudanças na perspectiva sócio-técnica. **REVISTA USP**. n. 86, 2010.

_____. (coord.) **2009/2012 – O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo.** Um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo. **Disponível em:** http://www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp/index.php/pesquisas/2008-2010/

_____. **Relações de comunicação no mundo do trabalho.** São Paulo: AnnaBlume, 2008.

HELOANI, José Roberto. **Gestão e organização no capitalismo globalizado**: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho. São Paulo, Atlas, 2003a.

_____. **Mudanças no Mundo do Trabalho e Impacto na Qualidade de Vida do Jornalista.** São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, NPP – Série Relatórios de Pesquisa – Relatório n° 12/2003b.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo:** A Saga dos Cães Perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**.Travessias latino-americanas da comunicação na cultura.São Paulo: Loyola, 2004.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da economia política. Vol I, livro Primeiro, O processo de produção do Capital. Tomo I. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p.45-53. (Coleção Os Economistas).

MARX, K, ENGELS,F. **A ideologia alemã**. São Paulo; Boitempo, 2007, p.29-66.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre Alerta** - Condições e Contradições do Trabalho Jornalístico. São Paulo: Editora Brasiliense e Olho Dágua, 2001.

SADER, Emir. Apresentação. In: MARX, K, ENGELS,F. **A ideologia alemã**. São Paulo; Boitempo, 2007, p.9-16.

SCHAFF, Adam. **O marxismo e o indivíduo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p.53-109.

SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones**. Elementos para uma Teor;ia de la comunicación digital interactiva.Barcelona: Gedisa, 2008.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas** . São Paulo: Summus, 1993.

SCHWARTZ, Y. Entrevista Yves Schwartz. **Revista Trabalho, Educação, Saúde.** Fiocruz, v. 4 n. 2, 2006. http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. [1980] São Paulo: Ed. Unesp. 2011.